

“DIABETES TIPO A MINHA”

Um estudo etnográfico da relação entre corpo e tecnologias biomédicas a partir do relato de pessoas que vivem com Diabetes Tipo 1.

Autora Júlia Mistro Rodrigues

Orientador Jean Segata

Esta pesquisa tem como tema central a relação que pessoas diagnosticadas com Diabetes Mellitus Tipo 1 estabelecem com os aparelhos necessários para realizar seu tratamento – que consiste na administração de seus níveis glicêmicos. A Federação Internacional de Diabetes classifica a doença como uma epidemia, pois estima-se que a população mundial que vive hoje com a condição seja da ordem de **327 milhões de pessoas**. O olhar antropológico lançado pelo presente trabalho à essa realidade é justificado pela importância de uma pesquisa interdisciplinar ao lidarmos com um problema desta magnitude. Procurando trazer à tona aspectos subjetivos da relação, o objetivo da presente pesquisa é realizar um estudo etnográfico da interação de humanos com aparelhos específicos da tecnologia biomédica que garantem sua sobrevivência. As reflexões traçadas a partir deste estudo mesclam temas da Antropologia da Ciência e das Tecnologias da vida (noções de coprodução de realidades, interfaces entre os saberes científicos e sociais, os ciborgues e o ciberespaço) com aqueles referentes às Relações Humano-Animais, como as discussões sobre as espécies companheiras.

Em termos metodológicos, essa é uma pesquisa qualitativa que visa práticas interespecíficas, ou seja, vínculos e agenciamentos entre humanos e não-humanos, em um contexto urbano. Assim, nesta pesquisa foi realizada uma etnografia (com entrevistas, pesquisas documentais e no ciberespaço). Foi utilizado o conceito de *escrevivências*, de Conceição Evaristo, conjugado com o de *saberes localizados*, de Donna Haraway – pois, assim como meus interlocutores, eu vivo com Diabetes Tipo 1, sendo esta uma posição teórico-política em relação à objetividade do trabalho, que se pretende **localizada, relativa e feminista**.

As entrevistas foram realizadas com pessoas que se consideram responsáveis pelo seu próprio tratamento, os documentos utilizados na análise foram dados estatísticos disponibilizados pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Ministério da Saúde, assim como o Standards of Medical Care in Diabetes de 2018, organizado pela American Diabetes Association (ADA) e parte da etnografia foi realizada no ciberespaço.

Nos possibilitando pensar que existem tantos tipos de Diabetes quanto pessoas com Diabetes no mundo.

A partir do trabalho desenvolvido é possível dizer que a realidade da Diabetes é produzida por múltiplos agentes humanos e não-humanos que se relacionam constantemente, entre eles: os saberes científico e tecnológico; a indústria farmacêutica e alimentícia; o governo e as políticas públicas em saúde; os medicamentos e aparelhos da tecnologia biomédica; os movimentos de usuários e associações; pessoas que vivem com Diabetes. Esses e outros agentes disputam a realidade da condição conforme a produzem, e com este processo a tornam múltipla. Por isso a condição apresenta variações e especificidades que dependem de sua localização histórica, cultural, geográfica e temporal e até mesmo de pessoa para pessoa – nos possibilitando pensar que existem tantos tipos de Diabetes quanto pessoas com Diabetes no mundo.